

XIII Jornadas de Investigación y Segundo Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2006.

Angústia e restrição de sentido na era da técnica.

Novaes de Sá, Roberto.

Cita:

Novaes de Sá, Roberto (2006). *Angústia e restrição de sentido na era da técnica. XIII Jornadas de Investigación y Segundo Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-039/414>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/e4go/564>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

ANGÚSTIA E RESTRIÇÃO DE SENTIDO NA ERA DA TÉCNICA

Novaes De Sá, Roberto
Universidade Federal Fluminense. Brasil

RESUMEN

A partir das reflexões de Heidegger sobre o horizonte histórico da época contemporânea, por ele denominada como Era da Técnica, procuramos discutir os limites a que se restringe cotidianamente a experiência de sentido da existência. Em face ao esvaziamento de sentido existencial, cada vez mais acentuado em nossos dias, achamos apropriado utilizar a noção de "patologia cultural" para caracterizar o modo como o homem contemporâneo, legitimado pelo pensamento "técnico-calculante", busca de forma sistemática e compulsiva desviar-se de qualquer experiência de angústia e sofrimento psíquico. Seja através do consumismo irrefletido e imediatista ou do planejamento e do controle exacerbados, os projetos existenciais característicos de nossa época não conseguem integrar de forma adequada algumas das experiências mais essenciais do existir humano, tais como a dor, o amor e a morte. Para Heidegger, somente a habitação paciente na angústia, que insiste em emergir mesmo onde tudo parece assegurado pelo controle da técnica, pode levar o homem a uma ampliação de seu horizonte de sentido e a uma relação mais livre com o mundo da técnica.

Palabras clave

Angústia Contemporaneidade Heidegger

ABSTRACT

ANXIETY AND MEANING RESTRICTION IN THE AGE OF TECHNOLOGY

From the perspective of Heidegger's thought about contemporariness that he named as the age of technology, this communication proposes a discussion about the limits in which quotidian existential sense is restricted. Face to the missing of existential meaning, more and more intense nowadays, we think proper to employ the notion of "cultural pathology" to characterize the contemporary men's way of being, which systematically and compulsively look for avoiding every anxiety experience and psychic suffering. Through the immediate consumerism or the increased regulation and control, the peculiar existential projects of contemporariness cannot integrate some essential experiences of human existence like pain, love and death. Heidegger argues that only the patient habitation in anxiety can lead men to an enlargement of meaning horizon and to a releaser relation with technological world.

Key words

Anxiety Contemporariness Heidegger

Numa conferência publicada sob o título "A Época das Concepções de Mundo" (*Die Zeit des Weltbildes*), Heidegger (1962) aponta cinco fenômenos característicos dos tempos modernos. Os dois primeiros são a ciência e a técnica, sendo esta visada não como aplicação daquela, mas como "uma transformação autônoma da prática" que justamente impõe a aplicação da ciência. O terceiro fenômeno é a redução da arte à dimensão da Estética, isto é, a obra de arte torna-se objeto de uma vivência estética do sujeito humano. O quarto fenômeno é a redução da História ao horizonte da cultura - das realizações históricas importa aquilo que diz respeito aos valores da cultura humana. Finalmente, o quinto fenômeno apontado é o desa-

parecimento dos deuses, o que não significa uma exclusão da religiosidade e, sim, a sua transformação em vivência religiosa do sujeito com a proliferação das interpretações históricas e psicológicas dos mitos e das religiões.

Entre esses fenômenos, Heidegger analisa mais detidamente a ciência e a técnica. Afirma que a essência da ciência moderna é a pesquisa, e que esta pode ser compreendida segundo três características: o projeto, o método e a exploração organizada. O projeto determina, *a priori*, os limites de um campo já aberto de entes, sobre o qual se restringe a investigação em seu rigor. O fato de o modelo científico ser matemático expressa exatamente que ele se dirige nos entes àquilo que é de antemão conhecido. Mas, o rigor da pesquisa somente se desenvolve através do método: representar as variações e determinar a constância de sua variabilidade é a via de objetivação da complexidade inscrita no campo aberto ao projeto. Por fim, este desenvolvimento do projeto, pelo método, se expande em áreas de especialização como reflexo do caráter de exploração organizada, inerente à natureza da pesquisa. A síntese desses processos assegura, ao sistema das ciências enquanto pesquisa, a prevalência da representação objetiva dos entes e sua planificação.

Entendendo que uma das transformações históricas mais essenciais para a plena instauração da chamada Época Moderna é justamente a constituição desse modo de saber como lugar de verdade e legitimação dos discursos nas mais diversas áreas da existência, podemos perguntar em que sentido se dá para o mundo moderno, de modo geral e cotidiano, a questão do sentido. Quando o homem moderno pergunta pelo sentido de algo, e aqui se trata de uma relação intencional e não obrigatoriamente de uma pergunta explícita, dentro de que limites de abertura a questão está *a priori* circunscrita?

Perguntar pelo sentido significa, para o mundo moderno, perguntar pela "razão" de algo. Segundo o "princípio da razão suficiente", enunciado por Leibniz, nada é, sem que haja uma razão para que seja. Que tal princípio seja tomado ao nível lógico ou ontológico, o *logos* que aí está em causa é entendido como razão, isto é, como faculdade ou princípio que permite legislar num sentido universal sobre a verdade das representações. Conforme Heidegger (1962b, p. 252), o princípio da razão suficiente diz: "uma coisa qualquer só é aceita como real na medida em que for assegurada, por nossa atividade representativa, como objeto calculável". Calcular não se refere aqui ao significado restrito de operação numérica e, sim, a toda apreensão das coisas por meio de representações exatas e metódicas.

O sentido das coisas (seu ser, sua essência) para a Modernidade dá-se a partir da sua "objetividade", sua representabilidade para o sujeito. Seja num entendimento realista, determinado pelo objeto, ou idealista, determinado pelo sujeito, só se dá sentido a partir da distinção sujeito-objeto. Este é, portanto, o limite de abertura ao sentido para a cultura ocidental moderna. A distinção enquanto tal não pode ser pensada, não faz sentido, porque é ela que faz o sentido, ela é simplesmente dada como a identidade de fundo da realidade, sua estabilidade mínima. Fora dessa distinção não há ponto de apoio para a representação e, por isso, não há pensamento ou sentido. Nos limites da abertura moderna, o que se privilegia, portanto, é o nível do sentido lógico, em que o *logos* traduz, aqui, o espaço das representações entre sujeito e objeto, os dois extremos impensáveis da abertura. Sentido lógico (na conotação disciplinar restrita), psicológico, ideológico, etc., falam apenas das

diferenciações regionais desse único espaço.

O mundo moderno opera uma inversão com relação às perspectivas tradicionais que procuram manter em aberto, através da experiência de sacralidade do verbo, a tensão entre as manifestações existenciais do sentido e sua fonte inefável, irredutível. O *logos* moderno, ao invés de ser tomado como uma manifestação parcial do *logos* enquanto abertura originária de sentido, silêncio de onde brota qualquer linguagem, tornou-se uma estrutura abstrata e universal, um meta-modelo formal capaz de gerar, por cálculo combinatório, todos os modelos possíveis de informação. Como diz Pierre Lévy (1987, pp. 207-9), linguagem e cálculo inverteram suas relações: o cálculo não é mais uma possibilidade restrita da linguagem, mas o transcendental que fundamenta e governa qualquer linguagem possível. O fato de que todas as disciplinas modernas que tomam, de algum modo, a linguagem por objeto, sentem-se cada vez mais à vontade no âmbito da sintaxe, em detrimento do semântico, expressa tal inversão.

É em virtude desta redução do campo de possibilidades de sentido da existência, que Muniz de Rezende (1978) chega a diagnosticar uma patologia cultural da Modernidade. O termo "patologia" pode ser perigoso na medida em que usualmente remete a uma positividade essencial como critério normativo. Mas, se o pensarmos não como medida em relação a um parâmetro pré-fixado e, sim, em função da vitalidade da conversação cultural em termos da sua abertura ao excedente de sentido que pode tornar uma conversa um processo vivo de transformação, então, sob esta compreensão, cremos ser útil e apropriado falar em patologia cultural. Segundo Muniz de Rezende (*ibid.*, p. 160):

"A patologia da cultura é a própria patologia da existência em termos de sentido. Em outras palavras, a patologia da cultura diz respeito ao que o homem tem de mais original, a saber, sua capacidade de a si mesmo dar sentido, na percepção de suas possibilidades e limites como ser-no-mundo-com-os-outros. Uma cultura está doente na medida em que, a seu respeito e no seu âmbito, ao colocar-se a questão do sentido, o homem não encontra respostas satisfatórias".

Um sintoma desta "patologia" das sociedades contemporâneas é a sua incapacidade evidente de lidar com os fenômenos que resistem de modo mais persistente a um enquadramento sob as categorias de significação disponíveis: a dor, a solidão, o amor, o envelhecimento e a morte. Na medida em que as experiências de angústia parecem sempre refratárias às respostas que o planejamento técnico da vida oferece, amplia-se a necessidade de desvio e controle dessas experiências. Eliminar rapidamente o sofrimento psíquico é eliminar qualquer experiência que questione o limite aceitável de sentido e remeta para o sem-sentido sob o horizonte de nossa cultura, e que, portanto, questione a sua hegemonia e superioridade enquanto possibilidade de realização cultural. É por essa necessidade compulsiva de abafar tudo que ameaça a autonomia absoluta de sua perspectiva técnica, que a cultura do séc. XX tornou-se, na adequada expressão de L. Kolakowski, (1981, Cap. IX) a "cultura dos analgésicos".

Enquanto "projeto", isto é, enquanto correspondência intencional à manifestação existencial do sentido, a cultura moderna oscila entre o pessimismo cético e o otimismo ingênuo. No primeiro caso, uma abertura unilateral à dimensão do presente esgota todo sentido ao imediatismo do consumo, que visa à satisfação dos pequenos desejos; no segundo caso, domina a dimensão do futuro como realização assegurada pelo progresso, planejamento e estocagem de recursos. Ou nada depende de nós e, ante essa alienação fatalista, é melhor aproveitar o momento, ou tudo depende exclusivamente de nós, e assim, não há tempo para viver frente à necessidade de garantir a sobrevivência futura. Na verdade, essas posturas alimentam-se reciprocamente, caracterizando o aspecto da patologia

cultural que A. Muniz de Rezende (1978, pp. 177-9) denomina "doença do projeto" ou "patologia cultural da esperança". Segundo esse modo de correspondência ao sentido do tempo e do mundo, a esperança só pode ser vivida como espera, da parte de um sujeito, por um objeto que será acessível num dado instante de tempo. Por isso, a esperança moderna, quando se dá, é sempre desconfiada, porque a esperança, como confiança, só tem lugar onde há lembrança da conjuntura originária de homem, mundo, tempo e ser.

Entretanto, quanto mais a Modernidade se afirma como realização cultural do modo calculante de correspondência ao sentido, mais realiza também, sem o querer, a experiência das limitações desse modo de abertura. Quanto maior o esforço "técnico-calculante" de nivelamento do sentido em que pode haver sentido, maior o pressentimento incômodo do que não se deixa nivelar. Justamente aí, na experiência do fracasso e da insuficiência do planejamento técnico global (principalmente quando ele é, do ponto de vista técnico, plenamente eficaz e bem-sucedido), é que se geram as possibilidades de transformação do nosso modo moderno de escuta e correspondência ao sentido. O homem não pode, através da previsão e do controle, conduzir a essência da técnica a uma transformação, nem evitar o perigo, apenas impondo uma ética ao uso instrumental da técnica, mas a meditação do homem, guiada pela angústia perante a incontornável dimensão trágica e finita da existência, pode conduzi-lo a uma relação mais livre com a era da técnica. "Essa liberdade se assemelha àquela de um homem que 'supera' sua dor no sentido em que, longe de dela se desfazer ou de esquecê-la, ele a habita." (Heidegger, 1976, p. 144)

Pagamos, pelo contínuo desvio da angústia, com algo que nos é essencial, nossa capacidade de ver, de corresponder à realidade em suas múltiplas e misteriosas possibilidades de sentido. Só é possível livrarmo-nos da angústia, livrando-nos igualmente da realidade. A solidão existencial e a antecipação angustiada da morte não são meros estados mórbidos ou patológicos, a serem resolvidos pela intervenção dos técnicos da saúde. Apenas no silêncio da hora mais solitária, quando se cala o alarido impessoal dos desejos e representações correntes do "todo mundo", é que podemos nos pôr à escuta das demandas e dos questionamentos de sentido que nos são mais próprios e singulares. As práticas psicoterápicas podem acolher tal reflexão, não em virtude dos conhecimentos teóricos e das técnicas que as legitimam enquanto lugar institucional, mas sim enquanto espaço de suspensão da atitude natural, tanto científica quanto do senso comum, e de correspondência às perplexidades e questionamentos legitimamente provocados por nossa condição existencial.

BIBLIOGRAFIA

- HEIDEGGER, M. *Chemins que ne mènent nulle part* (Holzwege). Paris: Gallimard, 1962.
- HEIDEGGER, M. *Le principe de raison*. Paris: Gallimard, 1962b. p. 252.
- HEIDEGGER, M. "Le tournant". In: *Questions IV*. Paris: Gallimard, 1976.
- KOLAKOWSKI, L. *A presença do mito*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.
- LÉVY, P. *La machine univers*. Paris: La Découverte, 1987.
- REZENDE, A. M. "Pistas para um diagnóstico da patologia cultural". In: *Construção social da enfermidade*. Organizado por J.F. Regis de Moraes. São Paulo: Cortez e Moraes, 1978.